

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

ABRIL DE 1865

Nº 4

Destruição dos Seres Vivos uns pelos Outros¹⁵

A destruição recíproca dos seres vivos é, dentre as leis da Natureza, uma das que, à primeira vista, menos parecem conciliar-se com a bondade de Deus. Pergunta-se por que teria Ele criado a necessidade de os seres vivos mutuamente se destruírem, para se alimentarem uns à custa dos outros.

Para quem apenas vê a matéria e restringe à vida presente a sua visão, há de isso, com efeito, parecer uma imperfeição na obra divina; daí a conclusão que tiram os incrédulos que, não sendo Deus perfeito, não há Deus. É que, em geral os homens apreciam a perfeição de Deus do ponto de vista humano; medindo-lhe a sabedoria pelo juízo que dela formam, pensam que Deus não poderia fazer coisa melhor do que eles próprios fariam. Não lhes permitindo a curta visão, de que dispõem, apreciar o conjunto, não compreendem que um bem real possa decorrer de um mal aparente. Só o conhecimento do princípio espiritual,

15 N. do T.: Vide *A Gênese*, de Allan Kardec, capítulo III, itens 20 a 24.

considerado em sua verdadeira essência, e o da grande lei de unidade, que constitui a harmonia da Criação, pode dar ao homem a chave desse mistério e mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia, exatamente onde apenas vê uma anomalia e uma contradição. Dá-se com esta verdade o mesmo que se dá com uma imensidão de outras; o homem não é apto a sondar certas profundezas senão quando seu Espírito chega a um suficiente grau de maturidade.

A verdadeira vida, tanto do animal como do homem, não está no invólucro corporal, do mesmo modo que não está no vestuário. Está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo. Esse princípio necessita do corpo, para se desenvolver pelo trabalho que lhe cumpre realizar sobre a matéria bruta. O corpo se consome nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta; ao contrário, sai dele cada vez mais forte, mais lúcido e mais apto. Que importa, pois, que o Espírito mude mais ou menos freqüentemente de envoltório?! Não deixa por isso de ser Espírito. É precisamente como se um homem mudasse cem vezes no ano as suas vestes. Não deixaria por isso de ser homem.

Por meio do incessante espetáculo da destruição, ensina Deus aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material e lhes suscita a idéia da vida espiritual, fazendo que a desejem como uma compensação.

Objetar-se-á: não podia Deus chegar ao mesmo resultado por outros meios, sem constranger os seres vivos a se entredestruírem? Bem atrevido aquele que pretendesse penetrar os desígnios de Deus! Desde que na sua obra tudo é sabedoria, devemos supor que esta não existirá mais num ponto do que noutros; se não o compreendemos assim, devemos atribuí-lo à nossa falta de adiantamento. Contudo, devemos tentar buscar-lhe a razão, tomando por bússola este princípio: *Deus há de ser infinitamente justo e sábio*. Procuremos, portanto, em tudo, a sua justiça e a sua sabedoria.

Uma primeira utilidade, que se apresenta de tal destruição, utilidade, sem dúvida, puramente física, é esta: os corpos orgânicos só se conservam com o auxílio das matérias orgânicas, matérias que só elas contêm os elementos nutritivos necessários à transformação deles. Como instrumentos de ação para o princípio inteligente, precisando os corpos ser constantemente renovados, a Providência faz que sirvam ao seu mútuo entretenimento. Eis por que os seres se nutrem uns dos outros. Mas, então, é o corpo que se nutre do corpo, sem que o Espírito se aniquile ou altere. Fica apenas despojado do seu envoltório.

Há também considerações morais de ordem elevada.

É necessária a luta para o desenvolvimento do Espírito. Na luta é que ele exercita suas faculdades. O que ataca em busca do alimento e o que se defende para conservar a vida usam de habilidade e inteligência, aumentando, em conseqüência, suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe; mas, em realidade, que foi o que o mais forte ou o mais destro tirou ao mais fraco? A veste de carne, nada mais; ulteriormente, o Espírito, que não morreu, tomará outra.

Nos seres inferiores da Criação, naqueles a quem ainda falta o senso moral, em os quais a inteligência ainda não substituiu o instinto, a luta não pode ter por móvel senão a satisfação de uma necessidade material. Ora, uma das mais imperiosas dessas necessidades é a da alimentação. Eles, pois, lutam unicamente para viver, isto é, para fazer ou defender uma presa, visto que nenhum móvel mais elevado os poderia estimular. É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida.

Quando a alma atingiu o grau de maturidade necessário à sua transformação, recebe de Deus novas faculdades: o livre-arbítrio e o senso moral, numa palavra a centelha divina, que dão novo curso às suas idéias e a dotam de novas aptidões e percepções. Mas as novas faculdades morais de que é dotada só se desenvolvem gradualmente, pois nada é brusco na Natureza.

No homem, há um período de transição em que ele mal se distingue do bruto. Nas primeiras idades, domina o instinto animal e a luta ainda tem por móvel a satisfação das necessidades materiais. Mais tarde, contrabalançam-se o instinto animal e o sentimento moral; luta então o homem, não mais para se alimentar, porém, para satisfazer à sua ambição, ao seu orgulho, à necessidade, que experimenta, de dominar. Para isso, ainda lhe é preciso destruir. Todavia, à medida que o senso moral prepondera, desenvolve-se a sensibilidade, diminui a necessidade de destruir, acaba mesmo por desaparecer, por se tornar odiosa. O homem ganha horror ao sangue.

Contudo, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, pois, mesmo chegando a esse ponto, que parece culminante, ele ainda está longe de ser perfeito. Só à custa de muita atividade adquire conhecimento, experiência e se despoja dos últimos vestígios da animalidade. Mas, nessa ocasião, a luta, de sangrenta e brutal que era, se torna puramente intelectual. O homem luta contra as dificuldades, não mais contra os seus semelhantes.

Nota – Como se vê, esta explicação se prende à grave questão do futuro dos animais. Nós a trataremos proximamente e a fundo, porque nos parece suficientemente elaborada e cremos que se pode, desde já, considerá-la como resolvida em princípio, pela concordância do ensino.

Um Sermão sobre o Progresso

Escrevem-nos de Montauban:

Passou-se nestes dias um fato interessante em nossa cidade, que impressionou diversamente a população. Um pregador protestante, o Sr. Rewile, capelão do rei da Holanda, num discurso

pronunciado perante duas mil pessoas, revelou-se claramente partidário das idéias novas. Sentimo-nos felizes ao ouvir, pela primeira vez, estas sublimes verdades proclamadas do alto de um púlpito cristão, e desenvolvidas com um talento e uma eloquência excepcionais. Por mais que se tenha saído bem, os fanáticos se apressaram em conferir-lhe o título de anticristo. Lamento não poder transmitir o sermão inteiro, mas vou tentar analisar algumas de suas passagens.

“O orador tinha tomado por texto: “Não vim destruir a lei e os profetas, mas dar-lhes cumprimento. Amai-vos de todo o vosso coração, de toda a vossa alma, de todo o vosso entendimento, e ao vosso próximo como vós mesmos.”

“Conforme o Sr. Rewile, a missão do Cristo entre os homens foi uma missão de caridade e de espiritualidade; sua doutrina parecia, pois, estar em oposição à dos judeus, cujo princípio era a “observância estrita da lei”, princípio que engendraria o egoísmo. Mas a expressão *dar cumprimento* explica essa aparente contradição, porque significa completar, tornar mais perfeita. Ora, substituir o egoísmo pela caridade e o culto da matéria pela espiritualidade, era dar cumprimento, completar a lei. Em vão o Cristo tentou fazer essa nação romper as cadeias da matéria, elevando o seu pensamento e fazendo-a encarar seu destino de mais alto; jamais pôde ela compreender a profundidade de sua moral. Assim, quando ele quis atacar os abusos de toda sorte, as práticas exteriores e abrandar os rigores da lei mosaica, foi acusado e covardemente condenado. Os judeus esperavam um Messias conquistador que, armado de um cetro de ferro, lhes desse em partilha o poder temporal, e não compreendiam o que havia de grande, de sublime naquele que, com um fraco caniço na mão, vinha trazer à Humanidade, como penhor de sua força espiritual, a lei do amor e da caridade.

“Mas os desígnios de Deus sempre se realizam, a despeito de todas as resistências. Se os judeus, como obreiros de má vontade, recusaram-se a trabalhar na vinha, nem por isso a Humanidade marchou e marchará menos, arrastando em sua passagem tudo o que constitui obstáculo para chegar ao progresso. A Igreja cristã, sob pena de decadência, deve seguir esta marcha ascendente, porque *a Humanidade não foi feita para a Igreja, mas a Igreja para a Humanidade*. Infeliz de quem resistir, pois será pulverizado pela mão do progresso. O progresso não foi feito para responder pelo futuro?

“Que os filhos do século dezenove, contrariamente à conduta dos judeus antigos, compreendam e realizem sua obra! Já não experimentam esse tremor involuntário, que agita todas as inteligências de escol e que as impele espontaneamente para a conquista das idéias espiritualistas, única garantia de felicidade para a Humanidade? Por que, sem espiritualidade, há apenas a matéria, e sem liberdade não há apenas escravidão? *Por que, pois, resistir por mais tempo a esses nobres impulsos da alma e atribuir ao demônio esses novos sinais dos tempos modernos? Por que, antes, não ver aí as inspirações dos mensageiros celestes de um Deus de amor e de caridade, anunciando-nos a renovação da Humanidade?*

“Que a Igreja cristã volte ao espírito. Com efeito, que é a Igreja sem o espírito, senão um cadáver, verdadeiro cadáver na acepção da palavra?... Quem tiver ouvidos que ouça! A verdadeira Igreja, nestes dias críticos, tem o direito de contar com seus filhos... Vamos, de pé e à obra! que cada um cumpra o seu dever. Deus o quer! Deus o quer!

“Se o Cristo veio para dar cumprimento, isto é, para completar a lei pela prática do amor de Deus e dos homens, é que considerava esse preceito como resumindo a perfeição humana. A lei de amor de Deus e dos homens é, como ensina o próprio Cristo, uma lei de primeira ordem, à qual estão subordinadas todas as outras. É necessário, pois, praticá-la na sua mais larga acepção, a

fim de se aproximar dele e, conseqüentemente, de Deus, do qual foi a mais alta expressão na Terra. Para amar a Deus é preciso amar a verdade, o belo, o bem; sentir-se transportado interiormente para esses atributos da perfeição moral; mas é preciso também amar a seus irmãos, seus semelhantes, em quem Deus se reflete no que há de verdadeiro, de belo, de bem.

“Por que o Cristo amou a Humanidade até dar a vida por ela? Porque sendo também a mais alta expressão da perfeição humana, sentiu no mais alto grau os efeitos dessa lei de amor de Deus e dos homens, e a praticou de maneira sublime... Praticar a caridade, amar, é marchar a passos largos no caminho da verdade, do belo, do bem; é ir a Deus! Amar é viver; é ir para a imortalidade!”

Segundo o que me foi relatado, o Sr. Rewile teria abordado com sucesso a questão das manifestações, nas duas conferências dadas aos alunos da Faculdade. Teria respondido vitoriosamente a todas as objeções. Lamento não ter podido ouvi-lo nesta circunstância tão interessante.

Observação – Bem tinham dito os Espíritos que o Espiritismo iria encontrar defensores nas próprias fileiras de seus adversários. Um tal discurso na boca de um ministro da religião, e pronunciado do alto do púlpito, é um acontecimento grave. Esperemos ver outros, porque o exemplo da coragem de opinião é contagioso. As idéias novas também não tardarão a encontrar campeões confessos na alta ciência, na literatura e na imprensa; aí já desfrutam de mais simpatia do que se pensa. Só o primeiro passo é que custa. Até hoje pode dizer-se que, com exceção dos órgãos especiais do Espiritismo, que não se dirigem à massa do público indiferente, só os nossos adversários tiveram a palavra, e Deus sabe se a usaram! Agora a luta começa. Que dirão quando virem nomes justamente honrados e estimados saírem de suas fileiras, empunhando abertamente a bandeira da doutrina? Está dito que tudo se cumprirá.

Extrato do *Journal de Saint-Jean d'Angely*

de 5 de março de 1865

Sociedade de Estudos Espíritas de Saint-Jean d'Angely

GOLPE DE VISTA SOBRE O ESPIRITISMO E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

Existe uma harmonia secreta e contínua entre o mundo visível e o mundo dos Espíritos. Esta harmonia, suas manifestações possíveis, eis, incontestavelmente, uma das grandes questões de nossa época. É a que nos propomos tratar nas colunas deste jornal.

Dirigimo-nos a todos, sem dúvida, porém mais particularmente àqueles cujas ocupações diárias impedem, nas grandes obras, o estudo seguido dos fatos tão comoventes que, assinalados de um a outro extremo do Universo, são proclamados e atestados pelos homens mais esclarecidos; demonstrar a possibilidade desses fatos pela revelação de leis naturais até agora desconhecidas; despojá-las do epíteto irônico de pretensos milagres, com que os queriam diminuir aos olhos dos que não sabem mais sobre isto, iniciá-los no conhecimento da doutrina daí resultante, dela deduzindo as conseqüências tão consoladoras que traz consigo, eis o nosso objetivo.

Falam de milagres. Se há um, incompreensível aos nossos olhos, é o da frieza e da indiferença, reais ou simuladas, de homens inteligentes e probos, em presença das manifestações que surgem em todos os recantos do mundo e publicados diariamente em profusão.

Se a reprodução daquilo que tantos outros viram só resultasse na satisfação de uma curiosidade infantil, ou não tivesse por resultado senão o emprego de momentos que não pudessem ser mais bem empregados, oh! então compreenderíamos o desdém e as leviandades de linguagem.

Já não pode ser assim quando pensamos que se trata não apenas do mais importante objetivo de nossa existência, a solução, pela prova palpável da imortalidade de nossas almas, da questão há tanto tempo discutida de nossos destinos futuros, mas, também e sobretudo, que se trata do chamado, pela convicção dessas grandes verdades, dos que delas se afastam para o cumprimento de seus deveres para com Deus, para com os semelhantes e para consigo mesmos.

Vede um pouco: sois membro de um júri; testemunhas que não conheceis, que jamais vistes, vêm afirmar o fato mais inverossímil, o assassinato de um pai pelo filho, ou de um filho pelo pai; acreditais e condenais o miserável autor de semelhante crime, e fazeis bem. Mas sondemos a questão com a mão na consciência. Se esse infeliz tivesse acreditado num Deus poderoso e justo e soubesse, desde muito tempo, que seu ato horrível acarretaria infalivelmente merecida punição numa outra existência, não teria recuado diante da realização de seu crime? Não, não pensastes nisto. Como nós, direis: Sim, a crença, mas a crença firme e sem restrição, a crença absoluta, nas penas e recompensas numa outra vida, onde cada um receberá conforme suas obras terrenas, eis o freio que deve ser mais difícil de quebrar; e ainda tendes razão.

Para a quase totalidade, infelizmente, essas crenças são *desconhecidas* do grande problema da moralização universal.

Parai um pouco! – grita-me o maior número – deixamos de estar de acordo; há muito tempo nossa inteligência e os nossos estudos nos deram a conhecer a solução que indicais. Para nós, vossas pretensas novas provas são inúteis: *somos e temos sido sempre crentes*.

Tal a linguagem em que se apóia o comum dos mortais.

Dizeis que sempre acreditastes; pelo menos é o que assegurais. Tanto melhor para vós, senhores; se for preciso

confessar, não o duvidamos; recebei nossas sinceras felicitações; seríamos verdadeiramente felizes se pudéssemos afirmar outro tanto. Francamente, concordamos que, a despeito do favor de todas as boas condições que contribuíram para engrandecer a nossa mente, restava-nos muito caminho a percorrer, para fazer tanto quanto vós. Quantos de nossos irmãos, com mais forte razão ficaram na retaguarda, privados que estavam, por suas posições sociais, das vantagens do estudo e, por vezes, dos bons exemplos?

Sim, a fé esta morta: todos os doutores da lei o confessam e gemem por isto. Apesar de seus esforços, jamais a incredulidade foi mais profunda, mais geral. Segui um pouco esta longa fila de homens que, como dizem, acabam de conduzir um dos seus à sua última morada, e ouvireis noventa e cinco por cento a repetir: *Mais um que chega ao fim de suas penas*. Tristes palavras; triste e grandíssima prova, ao mesmo tempo, da insuficiência dos meios hoje empregados para a propagação da única e verdadeira felicidade que os homens podem desfrutar em nossa Terra, para a propagação da fé.

Deus seja louvado! um novo farol brilha para todos. Abaixo o privilégio! Espaço aos homens de boa vontade! Sem esforços da inteligência, sem estudos difíceis e custosos, o mais humilde, o menos instruído pode contemplar a luz divina, caso queira, como todos os seus irmãos. Só não a verão os que não quiserem ver.

Se é assim, repetimos, os homens mais honrados, mais instruídos, cujos nomes citaremos por falanges, dão o testemunho mais autêntico. Se é assim, dizemos nós, por que se empenhar em pôr a luz debaixo do alqueire? Por que, já que não sentimos a sua necessidade, rejeitar sem exame fenômenos cujo conhecimento e apreciação podem, se não sempre, pelo menos muitas vezes, deter a criatura nos despenhadeiros fatais, onde vicejam a dúvida e a incredulidade? Por que, em todos os casos e por tão pouco, pode

reerguer pela esperança as coragens prestes a succumbir ao peso do infortúnio?

Eis os benefícios que, pelo exemplo, tão facilmente podem ser espalhados à nossa volta, mas que a indiferença, tanto quanto a opposição, podem retardar o seu progresso e a sua difusão.

A. Chaigneau

D.-M.-P.

(Continua)

Observação – Nossa previsão, emitida no artigo anterior, a propósito do sermão de Montauban, começa a realizar-se. Eis um jornal não pertencente aos quadros do Espiritismo e que hoje acolhe o que, certamente, não teria feito há um ano, não o relato dos fatos, mas artigos de fundo, desenvolvendo os princípios da doutrina. E de quem são esses artigos? de um desconhecido? de um ignorante? Não; são de um médico que desfruta na região de uma reputação de saber justamente merecida e de uma consideração devida à suas eminentes qualidades. Mais um exemplo que terá imitadores.

Sabemos de mais de um jornal que não teria repugnância em falar favoravelmente do Espiritismo, que dele falaria mesmo de bom grado, não fosse o temor de desagradar a certos leitores e comprometer seus próprios interesses. Esse temor poderia ser legítimo há algum tempo, mas hoje já não o é. De alguns anos para cá a opinião mudou muito em relação ao Espiritismo; não é mais uma coisa desconhecida; dele se fala em toda parte e já não riem tanto; A idéia vulgarizou-se a tal ponto que, se algo há de espantoso é ver a imprensa indiferente a uma questão que preocupa as massas e que conta os seus partidários por milhões em todos os países do mundo e nas camadas mais esclarecidas da sociedade; é, sobretudo, ver homens inteligentes criticá-la sem dela

saber a primeira palavra. É, então, uma questão fútil essa que suscita a cólera de todo um partido? esse partido se inquietaria se nela não visse senão um mito sem consequência? Dela riria; mas desde que se irrita, que tropeja, que acende os seus autos-de-fé, na expectativa de matar a idéia, é que existe algo de sério. Ah! se todos os que se dizem representantes do progresso se dessem ao trabalho de aprofundar a questão, é provável que não a tratariam com tanto desdém.

Seja como for, não é nosso objetivo fazer aqui a sua apologia. Apenas queremos constatar um fato hoje comprovado, o de que a idéia espírita tem seu lugar reservado entre as doutrinas filosóficas; que constitui uma opinião, cujos representantes se multiplicam de tal modo que os adversários são os primeiros a proclamá-la. A consequência natural disto é que os jornais que forem francamente simpáticos a esta causa terão as simpatias de seus aderentes, e estes são bastante numerosos para compensar amplamente as poucas defecções que pudessem experimentar, se é que experimentariam.

Do ponto de vista da idéia espírita, o público se divide em três categorias: os partidários, os indiferentes e os antagonistas. Está provado que as duas primeiras constituem a imensa maioria; os partidários os procurarão por simpatia; os indiferentes ficarão satisfeitos por encontrar numa discussão imparcial os meios de se esclarecerem sobre aquilo que ignoram. Quanto aos antagonistas, a maior parte se contentará em não ler os artigos que lhes não convenham, mas, por este motivo, não renunciarão a um jornal que lhes agrade sob outros aspectos, por suas tendências políticas, sua redação, seus folhetins, ou a variedade de notícias diversas. Aliás, os adversários natos do Espiritismo têm seus jornais especiais. Em suma, é certo que, no estado atual da opinião, com isto mais ganhariam do que perderiam.

Dirão, sem dúvida, e com razão, que a convicção não se encomenda, e que um jornal, assim como um indivíduo, não pode

abraçar idéias que não sejam as suas. Isto é muito justo, mas não impede a imparcialidade. Ora, até hoje, salvo pequeníssimas exceções, os jornais têm aberto suas colunas, tão amplamente quanto possível, à crítica, aos ataques, à difamação mesma, contra uma numerosa classe de cidadãos, lançando sem escrúpulo o ridículo e o desprezo sobre as pessoas, enquanto se mantêm fechados impiedosamente à defesa. Quantas vezes a lei não assegurou resposta a direitos que foram ignorados! Dever-se-ia, então, recorrer a medidas de exceção, intentar processos? Estes teriam sido aos milhares nos últimos dez anos. Perguntamos: Há imparcialidade, justiça, da parte das folhas que, incessantemente, proclamam a liberdade de pensamento, a igualdade de direitos e a fraternidade? Compreende-se a refutação de uma doutrina com a qual não se compartilha, a discussão racionada e de boa-fé de seus princípios; mas o que nem é justo, nem leal, é desnaturá-la e fazê-la dizer o contrário do que diz, com vistas a desacreditá-la. Ora, é o que fazem diariamente os adversários do Espiritismo. Admitir a defesa depois do ataque, a retificação das inexatidões, não seria esposar-lhe os princípios, mas apenas imparcialidade e lealdade. Um jornal poderia mesmo ir mais longe; sem renunciar às suas convicções e com toda reserva de suas opiniões pessoais, poderia admitir a discussão dos prós e dos contras e, assim, colocar seus leitores em condições de julgar uma questão que vale bem a pena, pela repercussão que ela alcança dia a dia.

Devemos, pois, elogios à imparcialidade do jornal que acolhe os artigos do Sr. Chaigneau. Devemo-los, também, ao autor que, como um dos primeiros, entra na arena da publicidade oficial, para aí sustentar a nossa causa, com a autoridade de um homem de ciência. O artigo referido acima é apenas a introdução de seu trabalho; o número de 12 de março contém a abertura da matéria: é uma exposição cientificamente racional do histórico do Espiritismo moderno. Lamentamos que sua extensão não nos permita reproduzi-lo.

Correspondência de Além-Túmulo

ESTUDO MEDIÚNICO

Para a compreensão do fato principal de que se trata, extraímos a passagem seguinte da carta de um de nossos assinantes; é, além disso, uma simples e tocante expressão das consolações que os aflitos haurem no Espiritismo:

“Permiti vos diga o quanto o Espiritismo me tem aliviado, ao dar-me a certeza de rever num mundo melhor um ser que amei com um amor sem limites, um irmão querido, morto na flor da idade. Como é consolador o pensamento de que aquele cuja morte pranteamos muitas vezes está perto de nós, sustentando-nos quando estamos acabrunhados sob o peso da dor, alegrando-se quando a fé no futuro nos deixa entrever um encontro certo! Iniciado há alguns anos nos admiráveis preceitos do Espiritismo, tinha aceitado todas as suas verdades e me esforçava por viver aqui de maneira a apressar o meu adiantamento. Minhas boas resoluções tinham sido tomadas muito sinceramente; confesso, todavia, que não possuindo os elementos necessários para fortalecer e sustentar minha crença na comunicação dos Espíritos, pouco a pouco me havia habituado, não a rejeitá-la, mas a encará-la com mais indiferença. É que a desgraça até então me era desconhecida. Hoje, que a Deus aprouve enviar-me uma prova dolorosa, hauri no Espiritismo preciosas consolações e sinto necessidade de vo-lo agradecer muito particularmente, como o primeiro propagador desta santa doutrina.

“Não sendo a doutrina do Espiritismo uma simples hipótese, mas apoiando-se em fatos patentes e ao alcance de todo o mundo, as consolações que proporciona consistem não apenas na certeza de rever as pessoas amadas, mas, também e sobretudo, na possibilidade de corresponder-se com elas e delas obter salutarens ensinamentos.”

Assim convicto, o irmão vivo escreveu ao irmão morto a seguinte carta, solicitando a resposta através de um médium:

N..., 14 de março de 1865

Meu irmão bem-amado,

É-me impossível dizer-te quanto fiquei feliz ao ler a carta que me enviaste através do médium de S... Comuniquei-a aos nossos pobres pais, a quem muito afligiste, ao deixá-los de maneira tão inesperada. Eles me pediram que te escrevesse novamente, que te pedisse novos detalhes sobre tua existência atual, a fim de poderem crer, por provas que darás facilmente, na realidade do ensino dos Espíritos. Mas, antes de tudo, acerca-te deles, inspira-lhes a resignação e a fé no futuro; consola-os, pois necessitam ser consolados, alquebrados que estão por um golpe tão inesperado. Quanto a mim, ó meu irmão bem-amado, serei sempre feliz quando te for permitido dar as tuas notícias. Hoje venho pedir-te novos detalhes sobre a tua moléstia, tua morte e teu despertar no mundo dos Espíritos.

Quais os Espíritos que vieram receber-te no limiar do mundo invisível? Reviste o nosso avô? Ele é feliz? Reviste e reconheceste nossos parentes, mortos antes de ti, mesmo os que não havias conhecido na Terra? Assististe ao teu sepultamento? Que impressão sentiste? Peço-te que me dês alguns detalhes sobre essa triste cerimônia, que não permitam aos nossos pais duvidarem de tua identidade. Poderias dizer se algum membro de nossa família se tornará médium? Não desejarias comunicar-te através de um de nós?

Não posso compreender que não queiras continuar teus estudos de música, que cultivavas com tanto ardor na Terra; para nós seria uma doce consolação se quisesses terminar, através de um médium, os salmos que começaste a musicar em Paris.

Pudeste constatar o vazio imenso causado por tua morte no coração de todos nós. Suplico-te que inspires a teus pais a coragem necessária para não sucumbirem nesta terrível prova; sê muitas vezes com eles e dá notícias tuas. Quanto a mim, Deus sabe quanto chorei. Apesar de minha crença no Espiritismo, há momentos em que não posso acostumar-me à idéia de não mais te rever na Terra, e em que daria a vida para poder apertar-te ao coração.

Adeus, meu nobre amigo. Pensa algumas vezes naquele cujos pensamentos estão constantemente dirigidos para ti, e que fará o possível para ser julgado digno de um dia estar reunido a ti.

Abraço-te e te aperto ao coração.

Teu irmão devotado, B...

Nota – Em precedente comunicação dada aos pais, através de outro médium, tinha sido dito que o jovem não queria continuar seus estudos musicais no mundo dos Espíritos.

RESPOSTA DO IRMÃO MORTO AO IRMÃO VIVO

Eis-me aqui, meu bom irmão; mas és muito exigente. Mesmo com a melhor boa vontade não posso responder, numa só evocação, às numerosas perguntas que me diriges. Então não sabes que por vezes é muito difícil aos Espíritos transmitir o pensamento através de certos médiuns pouco aptos a receber claramente, em seu cérebro, a impressão fotográfica dos pensamentos de certos Espíritos e que, desnaturando-os, lhes dão um cunho de falsidade, que leva os interessados à negação mais formal das manifestações? Isto é muito pouco lisonjeiro e entristece profundamente os que, em falta de instrumentos adequados, são impotentes para dar suficientes sinais de identidade.

Crê-me, bom irmão, evoca-me em família. Com um pouco de boa vontade e alguns ensaios perseverantes, tu mesmo poderás conversar comigo à vontade. Estou quase sempre perto de ti, porque sei que és espírita e tenho confiança em ti. É certo que a simpatia atrai a simpatia e que não se pode ser expansivo com um médium que a gente vê pela primeira vez. Entretanto, esforçar-me-ei por satisfazer-te.

Minha morte, que te aflige, era o termo do cativeiro de minha alma. Teu amor, tua solicitude, tua ternura tinham tornado doce o meu exílio na Terra. Mas, nos meus mais belos momentos de inspiração musical, eu voltava o olhar para as regiões luminosas, onde tudo é harmonia, absorvo em escutar os acordes longínquos da melodia celeste que me inundava em doces vibrações. Quantas vezes eu me extasiei nesses devaneios arrebatadores, aos quais devia o sucesso de meus estudos musicais, que continuo aqui! Seria um erro extraordinário acreditar que a aptidão individual se perde no mundo espírita; ao contrário, ela se aperfeiçoa, para em seguida levar esse aperfeiçoamento aos planetas onde esses Espíritos são chamados a viver.

Não choreis mais, vós todos, bem-amados pais! Para que servem as lágrimas? Para enfraquecer, para desencorajar as almas. Parti primeiro, mas vireis encontrar-me. Esta certeza não é bastante poderosa para vos consolar? A rosa, que exalou seus perfumes no carvalho, morre como eu, depois de ter vivido pouco, juncando o solo de pétalas murchas. Mas, por sua vez, o carvalho morre e tem a sorte da rosa que chorou e cujas cores vivas se harmonizam com sua sombria folhagem.

Ainda algum tempo e vireis a mim; então cantaremos o cântico dos cânticos e louvaremos a Deus em suas obras. Juntos seremos felizes se vos resignardes à provação que vos aflige.

Aquele que foi teu irmão na Terra e te ama sempre,

B...

Vários ensinamentos importantes ressaltam desta comunicação. O primeiro é a dificuldade do Espírito para se exprimir com o auxílio do instrumento que lhe é dado. Conhecemos pessoalmente esse médium, que há muito tempo vem dando provas de força e de flexibilidade da faculdade, sobretudo no que respeita às evocações particulares. É o que se pode chamar um médium seguro e bem assistido. De onde provém, então, esse impedimento? É que a facilidade das comunicações depende do grau de afinidade fluídica existente entre o Espírito e o médium. Assim, cada médium é mais ou menos apto a receber a impressão ou a *impulsão* do pensamento de tal ou qual Espírito; pode ser um bom instrumento para um e mau para outro, e este fato em nada desmerece as suas qualidades, pois a condição é mais orgânica do que moral. Assim, pois, os Espíritos buscam de preferência os instrumentos com os quais vibram em uníssono; impor-lhes o primeiro que aparecer e crer que deles possam servir-se indiferentemente, seria a mesma coisa que obrigar um pianista a tocar violino: em virtude de saber música, deve ser capaz de tocar todos os instrumentos.

Sem esta harmonia, a única que pode levar à assimilação fluídica, *tão necessária na tiptologia quanto na escrita*, as comunicações ou são impossíveis, ou incompletas, ou falsas. Em falta do Espírito, que não se pode ver, se não puder manifestar-se livremente, não faltarão outros, sempre prontos a aproveitar a ocasião, e que pouco se importam com a verdade do que dizem. Esta assimilação fluídica por vezes é completamente impossível entre certos Espíritos e certos médiuns; outras vezes, e é o caso mais ordinário, só se estabelece gradualmente e com o tempo, o que explica por que os Espíritos que se manifestam habitualmente a um médium o fazem com mais facilidade, e por que as primeiras comunicações quase sempre atestam uma certa dificuldade e são menos explícitas.

Está, pois, demonstrado, tanto pela teoria quanto pela experiência, que não há mais médiuns universais para as evocações,

como não os há aptos a todos os gêneros de manifestações. Aquele que pretendesse receber à vontade e no momento certo as comunicações de todos os Espíritos e, por conseguinte, satisfazer aos legítimos desejos de todos os que querem entreter-se com os seres que lhes são caros, ou daria prova de radical ignorância dos princípios mais elementares da ciência, ou de charlatanismo e, em todo o caso, de uma presunção incompatível com as qualidades essenciais de um bom médium. Pôde-se acreditar nisto em certo tempo, mas hoje os progressos da ciência teórica e prática demonstram, em princípio, a sua impossibilidade. Quando um Espírito se comunica pela primeira vez a um médium, sem qualquer dificuldade, isto se deve a uma afinidade fluídica excepcional ou anterior, entre o Espírito e seu intérprete.

É, pois, um erro impor um médium ao Espírito que se quer invocar. É preciso deixar-lhe a escolha de seu instrumento. Mas, indagarão, como fazer quando só se tem um médium, o que é muito freqüente? Primeiro, se contentar com o que se tem e abster-se do que não se tem. Não está no poder da ciência espírita mudar as condições normais das manifestações, assim como não cabe à química mudar as da combinação dos elementos.

Contudo, há aqui um meio de atenuar a dificuldade. Em princípio, quando se trata de uma evocação nova, o médium deve sempre evocar o seu guia espiritual, previamente, e indagar se ela é possível. Em caso afirmativo, perguntar ao Espírito evocado se encontra no médium a aptidão necessária para receber e transmitir seu pensamento. Se houver dificuldade ou impossibilidade, pedir-lhe que o faça através do guia do médium ou ser por ele assistido. Neste caso, o pensamento do Espírito chega de segunda mão, isto é, depois de ter atravessado dois meios. Compreende-se, então, quanto importa que o médium seja bem assistido, porque se o for por um Espírito obsessor, ignorante ou orgulhoso, a comunicação será alterada. Aqui, as qualidades pessoais do médium forçosamente representam um papel importante, pela natureza dos

Espíritos que atrai a si. Os médiuns mais indignos podem dispor de poderosas faculdades; os mais seguros, porém, são os que a essa força juntam as melhores simpatias no mundo invisível. Ora, *de modo algum* essas simpatias garantem os nomes mais ou menos imponentes dos Espíritos que assinam as comunicações recebidas por via mediúnica.

Esses princípios fundamentam-se ao mesmo tempo na lógica e na experiência. As próprias dificuldades que revelam provam que a prática do Espiritismo não deve ser tratada levemente.

Outro fato ressalta igualmente da comunicação acima: é a confirmação do princípio de que os Espíritos inteligentes prosseguem na vida espiritual os trabalhos e estudos que empreenderam na vida corporal.

É por isso que damos preferência, nas comunicações que publicamos, àquelas de onde pode sair um ensinamento útil.

Quanto à carta do irmão vivo ao seu irmão morto, é uma ingênua e tocante expressão da fé sincera na sobrevivência da alma, na presença dos seres que nos são caros e da possibilidade de continuar com estes as relações de afeição, que a eles nos uniam.

Sem dúvida os incrédulos rirão daquilo que, aos seus olhos, é uma pueril credulidade. Por mais que façam, o nada que preconizam jamais terá encanto para as massas, porque parte o coração e aniquila as mais santas afeições; gela, em vez de aquecer; apavora e desespera, em vez de fortalecer e consolar.

Como suas diatribes contra o Espiritismo têm por eixo a doutrina apavorante do nada, não se deve admirar da sua impotência em desviar as massas das novas idéias. Entre uma doutrina desesperadora e outra consoladora, a escolha da maioria não poderia ser duvidosa.

Depois da horrível catástrofe da igreja de Santiago do Chile, em 1864, nela encontraram uma caixa de cartas, nas quais os fiéis depositavam as missivas que dirigiam à Santa Virgem. Poder-se-ia estabelecer uma paridade entre o fato que excitou a verve dos zombadores e a carta acima? Seguramente, não. Contudo, o erro não era dos que acreditavam na possibilidade de corresponder-se com o outro mundo, mas dos que exploravam essa crença, respondendo às cartas previamente seladas. Há poucas superstições que não tenham seu ponto de partida numa verdade desnaturada pela ignorância. Acusado de as ressuscitar, o Espiritismo vem, ao contrário, reduzi-las ao seu justo valor.

Poder Curativo do Magnetismo Espiritual

ESPÍRITO DOUTOR DEMEURE

Em nosso artigo do mês anterior sobre o Dr. Demeure, prestamos uma justa homenagem às suas eminentes qualidades como homem e como Espírito. O fato seguinte é uma nova prova de sua benevolência, constatando, ao mesmo tempo, o poder curativo da magnetização espiritual.

Escrevem-nos de Montauban:

Vindo aumentar o número de nossos amigos invisíveis, que nos cuidam da moral e do físico, quis o Espírito do bom pai Demeure manifestar-se desde os primeiros dias por um benefício. A notícia de sua morte ainda não era conhecida dos nossos irmãos de Montauban, quando empreendeu espontânea e diretamente a cura de um deles por meio do magnetismo espiritual, apenas pela ação fluídica. Vedes que ele não perdia tempo e, como Espírito, continuava, como dizeis, sua obra de alívio da Humanidade sofredora. Entretanto, há aqui uma importante distinção a fazer. Certos Espíritos continuam a dedicar-se às suas ocupações

terrenas, sem terem consciência de seu estado, sempre se julgando vivos; é próprio dos Espíritos pouco adiantados, ao passo que o Sr. Demeure se reconheceu imediatamente e age voluntariamente como Espírito com a consciência de, neste estado, ter maior força.

Tínhamos ocultado à Sra. G..., médium vidente e sonâmbula muito lúcida, a morte do Sr. Demeure, para poupar sua extrema sensibilidade, e o bom doutor, por certo nos penetrando o pensamento, tinha evitado manifestar-se a ela. No dia 10 de fevereiro último, estávamos reunidos a convite de nossos guias que, diziam, queriam aliviar a Sra. G... de uma entorse de que sofria cruelmente desde a véspera. Não sabíamos mais que isto, e estávamos longe de aguardar a surpresa que nos reservavam. Tão logo caiu em sonambulismo, a dama soltou gritos lancinantes, mostrando o pé. Eis o que se passava:

A Sra. G... via um Espírito curvado sobre sua perna, mas sua fisionomia ficava oculta; realizava fricções e massagens, exercendo de vez em quando uma tração longitudinal sobre a parte doente, absolutamente como teria feito um médico. A manobra era tão dolorosa que a paciente por vezes vociferava e fazia movimentos desordenados. Mas a crise não durou muito; ao cabo de dez minutos toda a marca de entorse havia desaparecido, não mais edema, o pé havia recobrado sua aparência normal. A Sra. G... estava curada.

Quando se pensa que para curar completamente uma afecção desse gênero, os mais dotados magnetizadores e os mais experientes, sem falar da medicina oficial, que ainda não chegou a uma solução, é necessário um tratamento cuja duração nunca é inferior a trinta e seis horas, consagrando três sessões por dia, com uma hora de duração cada uma, esta cura em dez minutos, pelo fluido espiritual, pode bem ser considerada como instantânea, com tanto mais razão, como diz o próprio Espírito numa comunicação que encontrareis a seguir, quanto era de sua parte uma primeira experiência feita com vistas a uma aplicação posterior, em caso de êxito.

Entretanto, o Espírito ficava sempre desconhecido do médium, persistindo em não mostrar suas feições; dava mesmo a impressão de querer fugir, quando, de um salto só, nossa doente, que minutos antes não podia dar um passo, se lança no meio do quarto para pegar e apertar a mão de seu médico espiritual. Dessa vez o Espírito virou-se para ela, deixando sua mão na dela. Neste momento a Sra. G... solta um grito e cai desfalecida no parquete: acabava de reconhecer o Sr. Demeure no Espírito curador. Durante a síncope recebeu os cuidados diligentes de vários Espíritos simpáticos. Enfim, readquirida a lucidez sonambúlica, conversou com os Espíritos, trocando com eles calorosos apertos de mão, notadamente com o Espírito do doutor, que respondia a seus testemunhos de afeição penetrando-a de um fluido reparador.

Não é uma cena impressionante e dramática? Dir-se-ia que todas as personagens representavam seu papel na vida humana. Não é uma prova entre mil de que os Espíritos são seres perfeitamente reais, tendo um corpo e agindo como faziam na Terra? Estávamos felizes por encontrar nosso amigo espiritualizado, com seu excelente coração e sua delicada solicitude. Durante a vida ele tinha sido médico da médium; conhecia sua extrema sensibilidade e a tinha conduzido como se fora sua própria filha. Esta prova de identidade, dada àqueles a quem o Espírito amava, não é admirável e capaz de fazer encarar a vida futura sob seu aspecto mais consolador?

Eis a comunicação recebida do Sr. Demeure, no dia seguinte a esta sessão:

“Meus bons amigos, estou ao vosso lado e vos amo sempre, como no passado. Que felicidade poder comunicar-me com os que me são caros! Como fui feliz, ontem à noite, por me tornar útil e aliviar nosso caro médium vidente! É uma experiência que me servirá e que porei em prática no futuro, toda vez que se apresentar uma ocasião favorável. Hoje seu filho está muito doente,

mas espero que logo o curaremos; tudo isto lhe dará coragem para perseverar no estudo do desenvolvimento de sua faculdade. (Com efeito, o filho da Sra. G... foi curado de uma angina diftérica, com medicação homeopática prescrita pelo Espírito).

“Daqui a algum tempo poderemos dar-vos ocasião de testemunhar fenômenos que ainda não conheceis, e que serão de grande utilidade para a ciência espírita. Serei feliz em poder contribuir para essas manifestações, que me teriam dado tanto prazer de ver quando vivo; mas, graças a Deus, hoje as assisto de maneira muito particular e que me prova evidentemente a verdade do que se passa entre vós. Crede, meus bons amigos, sinto sempre um verdadeiro prazer em tornar-me útil aos semelhantes, ajudando-os a propagar estas belas verdades, que devem mudar o mundo, trazendo-o a melhores sentimentos. Adeus, meus amigos; até logo.”

Antoine Demeure

Não é curioso ver um Espírito, já instruído na Terra, fazer como Espírito estudos e experiências para adquirir mais habilidade no alívio de seus semelhantes? Há nesta confissão uma louvável modéstia que denota o verdadeiro mérito, ao passo que os Espíritos pseudo-sábios geralmente são presunçosos.

O último número da *Revista* cita uma comunicação do Sr. Demeure, como tendo sido dada em Montauban em 1^o de fevereiro; foi em 26 de janeiro que ele a ditou. Em minha opinião esta data tem uma certa importância, porque foi o dia seguinte ao de sua morte. No segundo parágrafo ele diz: “Gozo de rara lucidez entre os Espíritos desprendidos da matéria há tão pouco tempo.” Realmente, essa lucidez prova um rápido desprendimento, só compatível com os Espíritos moralmente muito adiantados.

Observação – A cura reportada acima é um exemplo da ação do magnetismo espiritual puro, sem qualquer mescla com o

magnetismo humano. Por vezes os Espíritos se servem de médiuns especiais, como condutores de seu fluido. São esses os *médiuns curadores* propriamente ditos, cuja faculdade apresenta graus muito diversos de energia, conforme sua aptidão pessoal e a natureza dos Espíritos que os assistem. Conhecemos em Paris uma pessoa acometida há oito meses de exostoses no quadril e no joelho, que lhe causam grandes sofrimentos e a obrigam a ficar acamada. Um de seus amigos, rapaz dotado desta preciosa faculdade, prodigalizou-lhe cuidados pela simples imposição das mãos sobre a cabeça, durante alguns minutos, e pela prece, que o doente acompanhava com fervor edificante. No momento este último apresentava uma crise muito dolorosa, análoga à que sentia a Sra. G..., logo seguida de uma calma perfeita. Então ele sentia a impressão de várias mãos, que massageavam e estiravam a perna, que se via alongar-se de 10 a 12 centímetros. Nele já há uma melhora muito sensível, pois começa a andar; mas a antiguidade e a gravidade do mal necessariamente tornam a cura mais difícil e mais demorada que a de uma simples entorse.

Faremos observar que a mediunidade curadora ainda não se apresentou, ao que sabemos, com caracteres de generalidade e de universalidade, mas, ao contrário, restrita como aplicação, isto é, o médium tem uma ação mais poderosa sobre certos indivíduos do que sobre outros, e não cura todas as doenças. Compreende-se que assim deva ser, quando se conhece o papel capital que representam as afinidades fluídicas em todos os fenômenos mediúnicos. Algumas pessoas somente o gozam acidentalmente e para um determinado caso. Seria, pois, um erro acreditar que, pelo fato de se ter obtido uma cura, mesmo difícil, podem ser obtidas todas, em virtude de o fluido próprio de certos doentes ser refratário ao fluido do médium; a cura é tanto mais fácil quanto mais naturalmente se opera a assimilação dos fluidos. Também é surpreendente ver algumas pessoas, frágeis e delicadas, exercerem uma ação poderosa sobre indivíduos fortes e robustos. É que, então, essas pessoas são bons condutores do fluido espiritual, ao passo que homens vigorosos podem ser péssimos

condutores. Têm apenas o seu fluido pessoal, fluido humano, que jamais tem a pureza e o poder reparador do fluido depurado dos Espíritos bons.

De acordo com isto, compreendem-se as causas maiores que se opõem a que a mediunidade curadora se torne uma profissão. Para que isso ocorra, seria preciso ser dotado de uma faculdade universal. Ora, só os Espíritos encarnados da mais elevada ordem poderiam possuí-la nesse grau. Ter essa presunção, mesmo exercendo-a com desinteresse e por pura filantropia, seria uma prova de orgulho que, por si só, seria um sinal de inferioridade moral. A verdadeira superioridade é modesta; faz o bem sem ostentação e apaga-se, em vez de procurar o brilho; o famoso vai buscá-la e a descobre, ao passo que o presunçoso corre atrás da fama que muitas vezes lhe escapa. Jesus dizia aos que havia curado: “Ide, dai graças a Deus e não faleis disto a ninguém.” É uma grande lição para os médiuns curadores.

Lembraremos aqui que a mediunidade curadora está exclusivamente na ação fluidica mais ou menos instantânea; que não se deve confundi-la nem com o magnetismo humano, nem com a faculdade que têm certos médiuns de receber dos Espíritos a indicação de remédios. Estes últimos são apenas *médiuns receitistas*¹⁶, como outros são médiuns poetas ou desenhistas.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

PIERRE LEGAY, DITO GRAND-PIERROT

(Continuação – Vide a Revista de novembro de 1864)

Pierre Legay, parente da Sra. Delanne ofereceu-nos o singular espetáculo de um Espírito que, dois anos depois de morto, julgava-se ainda vivo, dedicava-se aos seus negócios, viajava de

16 N. do T.: No original: *médiuns médicaux*.

carro, pagava sua passagem em estradas de ferro, visitava Paris pela primeira vez, etc. Publicamos hoje a conclusão desse estado, que seria difícil de compreender se não nos reportássemos aos detalhes dados na *Revista* de novembro de 1864.

Inutilmente o Sr. e a Sra. Delanne haviam tentado demover seu parente do erro; seu guia espiritual lhes tinha dito que esperassem, pois o momento ainda não era chegado.

Nos primeiros dias de março último, fizeram a seguinte pergunta a seu guia:

Depois da última visita de Pierre Legay, mencionada na *Revista Espírita*, não pudemos obter nenhuma resposta dele. Dissestes, a respeito, que quando chegasse o momento, ele próprio nos daria suas impressões. Pensais que o possa agora?

Resp. – Sim, meus filhos; a hora é chegada. Ele vos poderá responder e vos fornecerá vários assuntos de estudos e de ensinamentos. Deus tem suas razões.

P. – [A Pierre Legay] Caro amigo, estás aqui?

Resp. – Sim, meu amigo.

P. – Vedes o meu objetivo vos evocando hoje?

Resp. – Sim, pois tenho, junto a mim, amigos que me instruíram sobre tudo quanto se passa de admirável neste momento na Terra. Meu Deus, como é estranho tudo isto!

P. – Dizeis que tendes amigos, que vos cercam e vos instruem. Podeis dizer quem são?

Resp. – Sim, são amigos; mas não os conheci senão depois que *despertei*. Sabeis que *dormi*? Chamo dormir o que chamais morrer.

P. – Podeis dizer o nome de alguns desses amigos?

Resp. – Tenho constantemente ao meu lado um homem, que antes deveria chamar um anjo, pois é tão afável, tão bom, tão belo que julgo que todos os anjos devam ser como ele. E, depois, tem Didelot (o pai da Sra. Delanne), que também está aqui. Em seguida vossos pais, meu amigo. Oh! como são bons! Ah! – como tudo isso é engraçado – encontro também nossa irmã superiora. Ela é sempre a mesma; não mudou. Mas como tudo isto é curioso!

Nota – A irmã que o Espírito designa residia na comuna de Treveray, e havia dado as primeiras instruções à Sra. Delanne. Ela só se manifestou uma vez, três anos antes.

Olha! Também vós, *jardineiro!* (nome familiar dado a um tio da Sra. Delanne, que jamais se havia manifestado). Mas como eu sou tolo! Estamos em casa de vossa sobrinha. Pois bem! estou contente de vos ver. Isto me deixa à vontade, porque, palavra de honra! sou transportado não sei como desde algum tempo; vou mais rápido que por estrada de ferro e percorro o espaço sem poder me dar conta como. Sois como eu, Didelot? Ele parece achar tudo isto natural, como se já estivesse habituado. Aliás, ele o faz há mais tempo que eu (morreu há seis anos) e compreendo que esteja menos surpreso. Ah! como tudo isto é engraçado! muito engraçado! Dizei-me, vós sabeis, meu primo, convosco estou à vontade. Pois bem! Dizei-me, então, com franqueza, o que é que se chama *morrer?*

Sr. Delanne – Meu amigo, chama-se morrer deixar na Terra o corpo grosseiro, a fim de dar à alma a libertação que ela precisa para entrar na vida real, a grande vida do Espírito. Sim, estais nela, caro amigo, nesse mundo ainda desconhecido por muitos homens da Terra. Eis-vos saído da letargia ou entorpecimento que se segue à separação entre o corpo e a alma. Vedes vosso anjo-da-guarda, amigos que vos cercam; foram eles

que vos trouxeram entre nós, para vos provar a imortalidade e a individualidade de vossa alma. Orgulhai-vos e sede feliz, porque, como agora vedes, a morte é a vida. Eis, também, porque atravessais o espaço com a rapidez do relâmpago e podeis conversar conosco em Paris, como se tivésseis um corpo material como o nosso. Não tendes mais esse corpo; agora só tendes um envoltório fluídico e leve, que não mais vós retém à Terra.

Pierre Legay – Singular expressão: *morrer!* Mas, então, dai um outro nome ao momento em que a alma deixa seu corpo na Terra, porque tal instante não é o da morte... Eu me lembro... Mal me havia desembaraçado dos laços que me retinham ao corpo e meus sofrimentos, ao invés de diminuírem, só fizeram aumentar. Via meus filhos, disputando cada um para ter a parte que lhes cabia. Via-os sem cuidarem das terras que eu lhes deixara, então, *me punha a trabalhar* ainda com mais força do que nunca. Estava lá, lamentando ver que não me compreendessem; portanto, *eu não estava morto*. Asseguro-vos que experimentava os mesmos temores e as mesmas fadigas que quando tinha o meu corpo e, contudo, não mais o tinha. Explicai-me isto. Se é assim que se morre, é uma maneira engraçada de morrer. Dizei-me vossa idéia sobre isto e depois vos direi a minha, porque agora estes bons amigos têm a bondade de mo dizer. Vamos, meu primo, dizei a vossa idéia.

Sr. Delanne – Meu amigo: Como vos disse, quando os Espíritos deixam o corpo, são envolvidos num segundo corpo; este é fluídico; jamais o abandonam. Pois bem! É com esse corpo que julgáveis trabalhar, como em vida do outro. Podeis depurar esse corpo semimaterial pelo vosso desenvolvimento moral; e se a palavra *morte* não vos convém para precisar esse momento, chamai-o *transformação*, se quiserdes. Se tivestes de sofrer coisas que vos foram penosas, é que vós mesmos, em vida, talvez vos tenhais apegado demais às coisas materiais, negligenciando as espirituais, que interessam vosso futuro. (Ele estava muito interessado). É um pequeno castigo que Deus vos impôs para

resgatar vossas faltas, facultando-vos os meios de vos instruídes e abrídes os olhos à luz.

Pierre Legay – Pois bem! meu caro, não é a este momento que se deve dar o nome de transformação, porque o Espírito não se transforma tão depressa se não for imediatamente auxiliado a se reconhecer pela prece, nem esclarecido quanto à sua verdadeira posição, quer, como acabo de dizer, orando por ele, quer evocando-o. É por isso que *há tantos Espíritos, como o meu, que ficam estacionários*. Para o Espírito da categoria do meu, há *transição*, mas não *transformação*; ele não se apercebe do que lhe acontece. Eu arrastei, ou antes, julguei arrastar meu corpo com a mesma dificuldade e os mesmos males que sobre a Terra. Quando me desprendi de meu corpo, sabeis o que experimentei? Pois bem! aquilo que se experimenta depois de uma queda que atordoa por um momento, ou, melhor dizendo, depois de um desfalecimento, do qual nos fazem recobrar os sentidos com vinagre. *Despertei* sem reparar que o corpo me havia deixado. Vim a Paris, onde estou, pensando mesmo aqui estar em carne e osso e não me poderíeis ter convencido do contrário *se de fato eu não estivesse morto*.

Sim, morre-se, mas não no momento em que se deixa o corpo; é no momento em que o Espírito, *percebendo sua verdadeira posição*, é tomado de uma vertigem, não compreende mais o que lhe dizem, não vê mais as coisas que lhe explicam da mesma maneira; então se perturba. Vendo que não mais o compreendem, procura, e, como o cego que é ferido subitamente, pede um guia que, naturalmente, não vem de chofre. É necessário que permaneça algum tempo nas trevas, onde tudo é confuso para ele; está perturbado; é preciso que o desejo o impila com ardor a pedir a luz, que só lhe será concedida depois de terminada a agonia e chegada a hora da libertação. Pois bem, meu primo, é quando o Espírito se acha nesse momento que é *o momento da morte*, porque não sabe

mais se reconhecer. É preciso, repito, que se seja ajudado pela prece para sair desse estado e é também quando é chegada a hora da libertação que se pode empregar a palavra *transformação* para os Espíritos de minha ordem.

Oh! obrigado por vossas boas preces, obrigado, meu amigo. Sabeis quanto vos amava e vos amarei ainda muito mais agora. Continuai com vossas boas preces pelo meu adiantamento. Obrigado ao homem que soube divulgar essas grandes verdades santas, das quais tantos outros antes dele não se dignaram de ocupar-se. Sim, obrigado por terdes associado meu nome a tantos outros. Oraram por mim lendo algumas linhas que eu vos tinha vindo dar. Obrigado, também, a todos quantos oraram por mim; hoje, graças à prece, cheguei a compreender o seu alcance. Por minha vez, tentarei ser útil a todos.

Eis o que tinha a vos dizer e ficai tranqüilos. Hoje não tenho mais dinheiro a lamentar, mas, ao contrário, tenho todo o meu tempo a vos dar.

Não vos deve surpreender muito esta mudança? Pois bem! doravante será assim, pois agora vejo muito claro, lá e de longe.

Pierre Legay

Observação – O novo estado em que se encontra Pierre Legay, cessando de se julgar neste mundo, pode ser considerado como um segundo despertar do Espírito. Esta situação se prende à grande questão da *morte espiritual*, que está em estudo neste momento. Agradecemos aos espíritas que, tendo em vista o nosso relato, oraram por esse Espírito. Podem ver que ele se apercebeu disto e achou-se bem.

Manifestações Espontâneas de Marselha

Neste momento as manifestações de Poitiers têm a sua contrapartida em Marselha. Deve-se concluir que os assim chamados brincalhões, que perturbaram a primeira cidade, sem serem descobertos, transportaram-se para a segunda, onde também não o são? É de convir que são mistificadores muito hábeis, para assim frustrar as investigações da polícia e de todos quantos estão interessados em descobri-los.

A *Gazette du Midi*, de 5 de março, dá a respeito esta breve notícia:

“Durante o dia de sexta-feira, o bairro Chave estava em alvoroço, e no boulevard deste nome numerosos grupos estacionavam perto da casa 80. Corria o rumor de que naquela casa passavam-se cenas estranhas, que tinham posto em fuga os moradores do imóvel enfeitado. Diziam que fantasmas passeiam por ali; a certa hora são ouvidos ruídos estranhos e mãos invisíveis fazem móveis, louças e objetos de cozinha se entrechocarem. Foi necessária a intervenção da polícia para manter a ordem no seio desses grupos, que aumentavam a cada instante. A propósito, o que há de razoável para dizer, parece, é que a casa de que se trata talvez não ofereça toda a solidez requerida, sobre um terreno minado pelas águas. Alguns estalos ouvidos, transformados pelo medo em jogos de bruxaria, terão gerado rumores que não tardarão a dissipar-se.”

Cauvière

Eis o relato circunstanciado que nos é transmitido pelo Dr. Chavaux, de Marselha, em data de 14 de março:

“Há cerca de quinze dias, tive a honra de vos dar alguns detalhes sobre as manifestações que, há mais de um mês, se produzem na casa nº 80 do Boulevard Chave. Não vos dizia senão o que tinha ouvido dizer; hoje venho dizer o que eu mesmo vi e ouvi.

“Tendo obtido permissão de visitar a casa, dirigi-me sexta-feira, 10 de março, ao apartamento do primeiro andar, ocupado pela Sra. A... e suas duas filhas, uma de oito anos e outra de dezesseis. A uma hora em ponto houve uma forte detonação na mesma casa, seguida de nove outras, no espaço de três quartos de hora. À segunda detonação, que me pareceu partir do interior do quarto onde estávamos, vi formar-se um leve vapor, depois um cheiro muito pronunciado de pólvora se fez sentir. Tendo entrado a Sra. R... no momento da oitava detonação, disse que havia um cheiro de pólvora. Isto me agradou, porque provava que a minha imaginação não era responsável por nada.

“Segunda-feira, 13, fui novamente à casa, às oito e meia da noite. Às nove horas ouviu-se a primeira detonação e, no espaço de uma hora, trinta e oito. Disse a Sra. C...: ‘Se esses ruídos são produzidos por Espíritos, que façam ainda dois, totalizando quarenta.’ No mesmo instante foram ouvidas duas detonações, uma após a outra, com um barulho assustador. Entreolhamo-nos com surpresa e mesmo com pavor. A Sra. C... disse ainda: ‘Começo a compreender que há Espíritos neste caso; para me convencer completamente, gostaria que os Espíritos batessem ainda dez vezes, o que perará cinquenta.’ As dez detonações ocorreram em menos de quinze minutos.

“Algumas vezes esses ruídos têm a força de um tiro de canhão de pequeno calibre, dado numa casa; as portas e janelas são abaladas, bem como as paredes e o soalho; os objetos pendurados às paredes são vivamente agitados. Dir-se-ia que a casa, abalada de todos os lados, fosse cair; mas não há nada. Depois do tiro não há

a menor fenda; nada está danificado e tudo volta à calma ordinária. Esses disparos ora se dão a intervalos de um a cinco minutos, ora se sucedem até seis vezes, golpe sobre golpe. A polícia fez uma batida, mas nada descobriu.

“Eis, caro mestre, toda a verdade e a mais exata verdade.

“Aceitai, etc.”

Chavaux, D.M.P.,
24, rue du Petit Saint-Jean

Uma outra carta, de 17 de março, contém o seguinte:

“Ontem passamos parte da noite na casa do Boulevard Chave. A reunião era composta de sete pessoas. As detonações começaram às onze horas e, no intervalo de dez minutos, contamos vinte e duas. Podemos compará-los às de um canhão pequeno; podiam-se ouvi-las a uma grande distância da casa. Essa casa encontra-se em excelentes condições de solidez, contrariamente ao que diz a *Gazette du Midi*.

“Disseram-me que ontem à noite ocorreram quatro detonações numa outra casa da mesma avenida, e que eram mais fortes que as primeiras.

“Recebei, etc.”

Carrier

Dirão que a causa é inteiramente natural: vê-se fumaça, sente-se o cheiro de pólvora, e não adivinhais o meio empregado pelos mistificadores? – Parece-nos que mistificadores que se servem da pólvora para produzir, durante mais de um mês, semelhantes detonações no próprio apartamento onde se encontram as testemunhas, que têm a complacência de as repetir

conforme o desejo que lhes é expresso, não devem estar nem muito longe, nem muito escondidos. Por que, então, não foram descobertos? – Mas, então, de onde vem esse cheiro de pólvora? – Isto é outra questão, que será tratada a seu tempo. Enquanto se espera, os ruídos são um fato e o fato tem uma causa. Vós os atribuíis à malevolência? Então procurai os mal-intencionados.

Poesias Espíritas

O ESPIRITISMO

O Espiritismo é o desenvolvimento do Evangelho, a extensão e a expansão da vida.

Verdade, é pois! sua sombra querida
Vem sustentar, encorajar meus cantos,
E penetrar de prazer sem medida
A feliz vaga de meus sonhos tantos.

Como uma luz refletida em minha alma,
De seu Espírito raios risonhos
Enchem meus dias de fulgente calma,
Enchem-me as noites de encantados sonhos.

Então dos céus eu invoco as idades,
Seu sopro puro traz-me uma lembrança,
E do presente as nevuosidades
Dissipa ante um futuro de esperança.

“Criança – ele diz – a terra abandonando,
“Antigos dias de novo acharás;
“Ao lado teu, quem foi teu pai te amando,
“Nos corações amores eternos.

Marie-Caroline Quillet
Membro da Sociedade dos Escritores

Pont-l'Éveque (Calvados).

A Sra. Quillet, autora da *Eglantine solitaire*, acaba de publicar um encantador livrinho com o título de *Une heure de poésie*¹⁷, que será apreciado por todos os amantes dos bons versos. Sendo a obra estranha à Doutrina Espírita, posto não lhe sendo absolutamente contrária, sua apreciação escapa da especialidade de nossa *Revista*. Limitar-nos-emos a dizer que a autora prova uma coisa: pode-se ter espírito e crer nos Espíritos, contrariamente à opinião de alguns de seus confrades em literatura.

A Sra. Quillet nos escreve o que segue, a respeito de uma das comunicações da Sra. Foulon, publicada no número de março.

“A Sra. Foulon imagina que os homens não compreenderiam a poesia do Espiritismo. Deve ter razão do seu ponto de vista luminoso. Sem dúvida os poetas sentem suas asas pesadas pelas trevas de nossa atmosfera. Mas o instinto, a dupla vista de que são dotados, vêm auxiliar-lhes a inteligência. Eu creio que cada um é chamado, conforme suas aptidões, ao grande trabalho da renovação terrestre: os poetas, os filósofos, por inspiração dos Espíritos; os mártires, os trabalhadores, pelo gênio dos filósofos e pelo canto dos poetas. É verdade que esses cantos não passam de um suspiro; mas no exílio dos suspiros formam a base e o complemento do concerto.”

Em apoio dessas palavras ela junta as seguintes estrofes:

AOS POETAS

Despertaí vós, apóstolos e poetas;
Às predições do tempo daí ouvido.
Está cheio o ar do sopro dos profetas,
E o hosana é então nos ventos retinido.

17 Um vol. in-18. Preço: 3 fr. Livraria Delahais, em Pont-l'Éveque.

Há no Sinai nuvens sem claridades;
 O Etna a rugir ao horror dos fogaréus;
 Porém o Eterno afasta as tempestades,
 E sobre a terra enche de luz os céus.

Pois da parábola a verdade luz;
 Seu brilho puro nos tocando a fronte,
 De um novo dia o seu clarão traduz,
 E cujos raios para a fé são fonte.

A fé, o amor, o vero sol das almas
 Empresta aos mais obscuros a claridade;
 E de seu disco alimenta as palmas,
 Para o trabalho e para a caridade.

Vinde vós todos, mártires, aos cantos;
 Abri a voz a estranhos lutadores.
 Aos ventos todos, nos altos recantos,
 Plantai do Cristo a humilde cruz das dores.

A Sra. Quillet está certa quando diz que cada um é chamado a concorrer para a obra da renovação terrestre. Ninguém contesta a influência da poesia, mas ela se engana quanto ao pensamento da Sra. Foulon, quando esta diz: “O entusiasmo invadiu-me a alma e espero que não seja muito tarde para vos entreter com o Espiritismo sério, e não com o Espiritismo poético, que não é bom para os homens. Estes não o compreenderiam.” O Espírito não entende por *Espiritismo poético* as idéias espíritas traduzidas pela poesia, mas o Espiritismo ideal, produto de uma imaginação entusiasta; e por *Espiritismo sério* o Espiritismo científico, apoiado nos fatos e na lógica, que melhor convém à natureza positiva dos homens de nossa época, o que constitui objeto de nossos estudos.

Enterro Espírita

Sob este título, o *Monde musical* de Bruxelas, de 5 de março de 1865, descreve nos seguintes termos as exéquias da Sra. Vauchez, mãe de um dos nossos excelentes irmãos em Espiritismo:

“Os irmãos Vauchez, nossos amigos e colaboradores, perderam sua mãe há alguns dias. Os cuidados com que, ultimamente, um e outro cercaram essa dama respeitável eram o sinal e o efeito de uma ternura que não vem ao caso descrever.

“Os dois irmãos são espíritas. Reunidos a amigos que têm a mesma crença, acompanharam o corpo da mãe até o túmulo. Ali, o filho mais velho exprimiu, em palavras tão simples quanto justas, ao Espírito de sua mãe, que, na sua fé espírita, estava presente e os ouvia, a tristeza que essa separação produzia entre eles, ainda mesmo que, de outra parte, estivessem persuadidos de que ela entrava numa vida melhor, não deixaria de comunicar-se com eles e os inspiraria, fortalecendo-os continuamente na via do bem. Repetiu a certeza de que seus votos de agonizante seriam realizados pela consagração a duas boas obras, afora as despesas economizadas no enterro, puramente civil e sem qualquer cerimonial. Esses votos são: que seja feita uma fundação em favor da creche de Saint-Josse-ten-Noode, e um abono assistencial em favor da velhice desamparada.

“Depois desta espécie de conversa entre o filho e a alma de sua mãe, o Sr. Herezka, um dos amigos espíritas da família, exprimiu em versos, com a mesma simplicidade, algumas palavras, cuja reprodução dará a conhecer uma parte do que há de bom e de bem numa crença que, diariamente e em toda parte, se torna a de um maior número de homens, que se conta entre pessoas instruídas. Eis as palavras do Sr. Herezka à alma da defunta:

Já aberta está a grande cova,
 Logo esta tumba atra e sutil
 Será de teu despojo a alcova;
 Mas, livre então do fardo vil,
 Irás planando pelo espaço,
 Seguindo do progresso o traço.

Basta de dúvida, de dor!
 Do mal quebraste já a prisão,
 Deixa em teu corpo o desamor,
 E só o bem no coração.
 Somente o amor e a caridade
 Te guiem pela eternidade!

Leva aos irmãos dos outros mundos
 Os nossos votos fraternais;
 Dize-lhes que seres fecundos,
 Maduros frutos eternos,
 Têm-nos mostrado lá do etéreo,
 Da morte o seu grácil mistério.

Dize-lhes! “Lá vossos amigos
 “Contra a ignorância inda orgulhosa
 “Vão dar combate aos seus perigos;
 “Por causa assim tão gloriosa,
 “Eis vos invocam com ardor,
 “Dai-lhes, Espíritos, amor!

Vinde acalmar nossos tormentos,
 Oh! vinde os céus fazer-nos ver
 Em nossos desfalecimentos;
 E a nossos olhos resplender
 Qualquer centelha celestial
 Que emane de fonte imortal.

Após estas palavras, os irmãos Vauchez e seus amigos se retiraram sem ruído, sem ostentação, sem emoção dolorosa, como se tivessem vindo acompanhar alguém que empreende uma longa viagem, em todas as condições desejáveis de bem-estar e

segurança. Mesmo sem ser espírita, tomamos parte no cortejo. Aqui não passamos do narrador de um fato: a cerimônia tão tocante quanto notável pela simplicidade e pela sinceridade da crença e das intenções.

Roselli

A Sra. Vauchez sucumbiu após trinta e dois anos de uma doença que há vinte anos a retinha no leito. Aceitara com alegria as crenças espíritas e nelas tinha haurido grandes consolações em seus longos e cruéis sofrimentos. Nós a vimos por ocasião de nossa última viagem a Bruxelas e ficamos edificadas com sua coragem, resignação e confiança na misericórdia de Deus.

Eis as primeiras palavras que ditou aos filhos pouco depois de ter exalado o último suspiro:

“O véu que ainda nos cobre o mundo extraterrestre acaba de ser levantado para mim. Vejo, sinto, vivo! Deus Todo-Poderoso, obrigada! Vós, meus guias, meus anjos da guarda e protetores, obrigada! Vós, meus filhos, tu, minha filha, resignação, pois sois espíritas; não me pranteeis: vivo a vida eterna, vivo na luz etérea; vivo e não sofro mais; minhas dores cessaram, minha prova terminou. Obrigado a vós, meus amigos, por terdes pensado em evocar-me logo; fizeti-o muitas vezes. Eu vos assistirei e estarei convosco.

“Deus teve piedade de meus sofrimentos. Oh! meus amigos, como é bela a vida da alma, quando desprendida da matéria! Espíritos bons velam por vós; tornai-vos dignos de sua proteção. Neste momento estou assistida por vosso protetor, o bom São Vicente de Paulo.”

Marguerite Vauchez

Notas Bibliográficas

CONFUSÃO NO IMPÉRIO DE SATÃ

Por L.-A. G. Salgues (de Angers)

Brochura pequena in-8^o, de 150 páginas. – Angers, Lemesle & Cia. – Paris, Dentu, Palais-Royal. – Preço: 2 francos.
(Posteriormente trataremos desta obra)

Provas dadas ao fanatismo religioso, de que os Espíritos não são demônios, em resposta às entrevistas sobre os Espíritos, do padre jesuíta Xavier Pailloux. Digressão histórica por ele provocada e demonstração que *Satã e o inferno* dos *satanistas* são um mito. Seguidas de dados dos Espíritos sobre o estado póstumo do homem e impressão após a morte.

ECO DE ALÉM-TÚMULO

Jornal espírita, publicado em Marselha, sob a direção do Sr. Gilet, aparecendo aos domingos. Escritório em Marselha, Boulevard Chave, n^o 81. – Preço: 10 fr. por ano.

O jornal traz no alto a divisa: *Fora da caridade não há salvação*. Sentimo-nos felizes por lhe ver empunhar uma bandeira que é a marca de ligação de todos os espíritas sinceros. Seguindo sem desvio a rota que indica, tem-se certeza de que não se extraviará. Assim como dissemos a propósito do *Médium Evangélico* de Toulouse, a nobreza obriga. Conta, assim, o Espiritismo, um órgão a mais numa das principais cidades da França.

CONCORDÂNCIA DA FÉ E DA RAZÃO

Pela Sr.^a J.-B.

Dedicado ao Clero

Brochura in-8^o de 100 páginas – Paris, Didier & Cia – Preço: 1 fr. 50 c.

Esta brochura é do mesmo autor das *Cartas sobre o Espiritismo, escritas aos eclesiásticos*. Esta última obra trata mais

especialmente da questão religiosa; sentimo-nos felizes por constatar que o autor o faz com notável poder de lógica, aliando, ao mesmo tempo, louvável moderação em suas refutações. Num estilo elegante e escoreito, diz as maiores verdades sem ferir a ninguém. É o melhor meio de persuadir. Nós a recomendamos aos nossos leitores, que aí colherão excelentes argumentos.

Allan Kardec